

TEXTO, CONTEXTO E CONTEXTUALIZAÇÃO²³

Temos a capacidade de receber novas informações e, assim, entendermos o que se passa ao redor, porque as informações adquiridas associam-se à rede de representações conceituais de que dispomos. Nesse sentido, nada nos é totalmente novo e aquilo que não entendemos consiste em informações que não conseguimos associar à nossa rede de relações.

Essa rede, ainda que parcialmente, é partilhada pelos membros de uma comunidade, e, nesse partilhamento, cria-se o contexto cultural comum nos membros do grupo. Dessa forma, a transmissão de informações deve estar associada à criação (ou recriação) desse contexto comum, por meio de procedimentos discursivos variados.

Este trabalho discute esses procedimentos de contextualização, a partir do quadro teórico da linguística textual. Para tanto, efetua-se, inicialmente, um quadro da evolução dessa disciplina e da própria noção de contexto. Em seguida, discutem-se, a partir de exemplos, os procedimentos mencionados.

1. A trajetória da linguística textual

A evolução do sentido de contexto acompanha a trajetória da linguística textual e, desse modo, expõem-se os passos da evolução dos estudos do texto.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2004, parte I) enuncia, de forma circunstanciada e abrangente, os três momentos da linguística textual: as análises interfrásticas (ou transfrásticas), as gramáticas de texto e a linguística textual.

²³ Fonte:

<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos/Texto,%20contexto%20e%20contextualiza%C3%A7%C3%A3o%20-%20PAULO.pdf>

1.1. Análises transfrásticas

Na fase das análises interfrásticas, o texto ainda não era considerado um objeto autônomo, nem constituía o objeto de análise em si, pois o percurso ainda era da frase para o texto. Com efeito, as análises interfrásticas surgiram da observação de que certos fenômenos ultrapassam os limites da frase simples e complexa, que constitui a maior unidade de análise para a linguística estrutural e gramática gerativa.

Os temas que constituem o objeto das análises transfrásticas são explicitados a partir do texto a seguir:

- (1) Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quiçá. Estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na baihna rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, a polícia estaria morto. Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-los para dentro da caatinga, entregá-lo aos urubus. E não sentirias remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos que precisavam de criação. Era um homem, evidentemente. (RAMOS, 1983, p. 106-7).

Entre os temas de que se ocupavam as autoras desse período citam-se:

- (2) A anáfora ou correferênciação: os pronomes *o* (-lo) e *lhe*, que retomam *o polícia*; a elipse do termo Fabiano, como sujeito de vários verbos (*movera-se, estivera, dormia...*)
- (3) O emprego de tempos verbais (pretéritos imperfeitos, perfeitos, mais-que-perfeito e futuro do pretérito) e a correlação entre eles.
- (4) O emprego dos conectivos de valor temporal (*agora, depois*) e lógico (*e, se*).
- (5) O emprego dos artigos definido e indefinido.

Os autores dessa tendência valorizavam, sobretudo, as relações interfrasais e enfatizavam o papel dos elementos coesivos no estabelecimento da coerência global do texto. Essa postulação, porém, revelou-se inadequada, pois é preciso considerar a competência do falante no estabelecimento do sentido global do texto e das relações entre as sentenças. Além disso, pode haver coesão sem que exista, necessariamente, um sentido textual:

- (6) Ivo viu a uva.
A uva é verde.
A vagem também é verde
Vovó cozinha a vagem

1.2. Gramática de texto

Esta nova linha de pesquisa representou um avanço em relação às análises interfrásticas, pois considerou o texto não apenas uma lista de frases, mas um todo dotado de unidade própria. Aliás, de acordo com Luiz Antônio Marcuschi (1999), pela primeira vez o texto foi definido como objeto central da linguística e, nesse sentido, procurou-se estabelecer um sistema finito e recorrente de regras, partilhado por todos os usuários de uma língua. Em sistema de regras constitui a competência textual de cada usuário que, por meio dela, está habilitado a identificar se uma dada sequência de frases constitui (ou não) um texto bem formado. Michel Charrolles (1983), admite que o falante possui três competências básicas:

- a) *Competência formativa*: permite ao usuário produzir e compreender um número infinito de textos e avaliar, de modo convergente, a boa ou má formação do texto.
- b) *Competência transformativa*: refere-se às capacidades de resumir um texto, parafraseá-lo, reformulá-lo, ou atribuir-lhe um título, assim como de avaliar a adequação do resultado dessas atividades.
- c) *Competência qualificativa*: concerne à capacidade do usuário identificar o tipo ou gênero de um dado texto, bem como à habilidade de produzir um texto de um dado tipo.

As gramáticas de texto tiveram o mérito de, pela primeira vez, considerarem o texto um objeto passível de análises. Segundo os autores dessa tendência, o texto constitui a unidade mais elevada e se desdobra (ou se subdivide) em unidades menores, igualmente passíveis de classificação. A partir dessa afirmação, pode-se admitir que não há continuidade entre frase e texto: trata-se de entidades de ordem diferente e a significação do texto não constitui unicamente a somatória das partes que o compõem.

Apesar dos avanços citados, cabe reconhecer alguns problemas na formulação das gramáticas textuais. O primeiro diz respeito ao fato dessas gramáticas postularem o texto como uma unidade formal, dotada de estrutura interna e gerada com base em um sistema finito de regras, internalizados por todos os usuários da língua. Ora, o texto não constitui uma unidade estrutural, de modo que se torna problemático admitir um percurso gerativo para o texto.

Outro problema é a separação entre as noções de *texto* (unidade estrutural, gerada pela competência de um usuário idealizado e descontextualizado) e discurso (unidade de uso). Essa separação não tem sustentação por si, pois o texto só pode ser entendido a partir do uso em uma situação real de interação verbal.

As limitações das gramáticas de texto levaram os pesquisadores a propor uma nova teoria texto, que discutisse a constituição, o funcionamento e a produção de textos numa situação real de interação verbal.

1.3. Linguística textual

Como lembra Luiz Antônio Marcuschi (1998), no final de década de setenta, o enfoque deixa de ser a competência textual dos falantes e, assim, passa-se a considerar a noção de *textualidade*, assim estabelecida por Beau Robert Alain de Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1981): "modo múltiplo de conexão ativado sempre que ocorrem eventos comunicativos". Outras noções relevantes da linguística textual são o *contexto* (genericamente, o conjunto de condições externas à língua, e necessários para a produção, recepção e interpretação de texto) e *interação* (pois o sentido não está no texto, mas surge na interação entre o escritor/falante e o leitor/ouvinte).

Essa nova etapa no desenvolvimento da linguística de texto decorre de uma nova concepção de língua (não mais um sistema virtual autônomo, um conjunto de possibilidades, mas um sistema real, uso em determinados contextos comunicativos) e um novo conceito de texto (não mais encarado como um produto pronto e acabado, mas um processo uma unidade em construção). Com isso, fixou-se como objetivo a ser alcançado a análise e explicação da unidade texto em funcionamento e não a depreensão das regras subjacentes a um sistema formal abstrato. A linguística textual, nesse sentido de sua evolução, assume nitidamente uma feição interdisciplinar, dinâmica, funcional e processual, que não considera a língua como entidade autônoma ou formal. (MARCUSCHI, 1998)

A linguística textual parte do pressuposto de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitivo, de modo que o agente dispõe de modelos e tipos de operações mentais. No caso do texto, consideram-se os processos mentais de que resulta o texto, numa abordagem procedimental. De acordo com Ingedore Grunfeld Vil-

laça Koch (2004), nessa abordagem "os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos na memória que necessitam ser ativados para que a atividade seja coroada de sucesso". Essas atividades geram expectativas, de que resulta um projeto nas atividades de compreensão e produção do texto.

A partir da noção de que o texto constitui um processo, Wolfgang Heinemann e Dieter Viehweger (1991) definem quatro grandes sistemas de conhecimento, responsáveis pelo processamento textual:

- a) *Conhecimento linguístico*: corresponde ao conhecimento do léxico e da gramática, responsável pela escolha dos termos e a organização do material linguístico na superfície textual, inclusive dos elementos coesivos.
- b) *Conhecimento enciclopédico ou de mundo*: compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo. O conhecimento do mundo compreende o conhecimento declarativo, manifestado por enunciações acerca dos fatos do mundo. ("O Paraná divide-se em trezentos e noventa e nove municípios"; "Santos é o maior porto da América Latina") e o conhecimento episódico e intuitivo, adquirido através da experiência ("Não dá para encostar o dedo no ferro em brasa.").

Ambas as formas de conhecimento são estruturadas em modelos cognitivos. Isso significa que os conceitos são organizados em blocos e formam uma rede de relações, de modo que um dado conceito sempre evoca uma série de entidades. É o caso de *futebol*, ao qual se associam: *clubes, jogadores, uniformes, chuteira, bola, apito, árbitro...* Aliás, graças a essa estruturação, o conhecimento enciclopédico transforma-se em conhecimento procedimental, que fornece instruções para agir em situações particulares e agir em situações específicas.

- c) *Conhecimento interacional*: relaciona-se com a dimensão interpessoal da linguagem, ou seja, com a realização de certas ações por meio da linguagem. Divide-se em:
 - conhecimento ilocucional: referentes aos meios diretos e indiretos utilizados para atingir um dado objetivo;
 - conhecimento comunicacional: ligado ao anterior, relaciona-se com os meios adequados para atingir os objetivos desejados;
 - conhecimento metacomunicativo: refere-se aos meios empregados para prevenir e evitar distúrbios na comunicação (procedimentos de atenuação, paráfrases, parênteses de esclarecimento, entre outros).

- d) *Conhecimento acerca de superestruturas ou modelos textuais globais*: permite aos usuários reconhecer um texto como pertencente a determinado gênero ou tipo.

2. Contexto e interação

O processamento do texto depende não só das características internas do texto, como do conhecimento dos usuários, pois é esse conhecimento que define as estratégias a serem utilizadas na produção/recepção do texto. Todo e qualquer processo de produção de textos caracteriza-se como um processo ativo e contínuo do sentido, e liga-se a toda uma rede de unidades e elementos suplementares, ativados necessariamente em relação a um dado contexto sociocultural. Dessa forma, pode-se admitir que a construção do sentido só ocorre num dado contexto.

Aliás, segundo Dan Sperber e Deidre Wilson (1986, p. 109 e ss.) o contexto cria efeitos que permitem a interação entre informações velhas e novas, de modo que entre ambas se cria uma implicação. Essa implicação só é possível porque existe uma continuidade entre texto e contexto e, além do mais, a cognição é um fenômeno situado, que acontece igualmente dentro da mente e fora dela.

O sentido de um texto e a rede conceitual que a ele subjaz emergem em diversas atividades nas quais os indivíduos se engajam. Essas atividades são sempre situadas e as operações de construção do sentido resultam de várias ações praticadas pelos indivíduos, e não ocorrem apenas na cabeça deles. Essas ações sempre envolvem mais de um indivíduo, pois são ações conjuntas e coordenadas; o escritor/falante tem consciência de que se dirige a alguém, num contexto determinado, assim como o ouvinte/leitor só pode compreender o texto se o inserir num dado contexto. A produção e a recepção de textos são, pois, atividades situadas e o sentido flui do próprio contexto.

Essa nova perspectiva deriva do caráter dialógico da linguagem: o ser humano só se constrói como ator e agente e só define sua identidade em face do outro. O ser humano só o é em face do outro e só se define como tal numa relação dinâmica com a alteridade (BAKHTIN, 1992). A compreensão da mensagem é, desse modo, uma atividade interativa e contextualizada, pois requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e habilidades e a inserção desses saberes e habilidades no interior de um evento comunicativo.

O sentido de um texto é construído (ou reconstruído) na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não como algo prévio a essa interação. A coerência, por sua vez, deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, e passa a ser vista ao modo como o leitor/ouvinte, a partir dos elementos presentes na superfície textual, interage com o texto e o reconstrói como uma configuração veiculadora de sentidos.

Essa nova visão acerca de texto, contexto e interação resulta, inicialmente, de uma contribuição relevante, proporcionada pelos estudiosos das ciências cognitivas: a ausência de barreiras entre exterioridade e interioridade, entre fenômenos mentais e fenômenos físicos e sociais. De acordo com essa nova perspectiva, há uma continuidade entre cognição e cultura, pois esta é apreendida socialmente, mas armazenada individualmente.

O conhecimento do mundo e o contexto sociointeracional partilhado pelos interlocutores são relevantes para o estabelecimento da significação textual. Essa afirmativa torna-se particularmente nítida no caso da sátira, tipo de texto necessariamente preso a um dado contexto sócio-histórico.

Vejam-se os exemplos:

Presidente bossa-nova
Bossa-nova mesmo é ser presidente desta
terra descoberta por Cabral.
Para tanto, basta ser tão simplesmente
simpático, risonho, original.
Depois, desfrutar as maravilhas
que é ser o presidente do Brasil.
Voar da Velhacap até Brasília,
Ver Alvorada e depois voltar pro Rio.
Voar, voar, voar...
Voar, voar para bem distante,
até Versalhes, onde duas mineirinhas
valsinhas dançam como debutantes.
Mandar parente a jato pro dentista,
almoçar com tenista campeã,
também poder ser um bom artista,
exclusivista
tomando como o Delermendo umas
aulinhas de violão.
Isso é viver como se aprova...
é ser um presidente bossa-nova. (Juca Chaves)

- (4) Brasil já vai à guerra
Brasil já vai à guerra
comprou um porta-aviões.
Um viva pra Inglaterra,
de oitenta e dois bilhões.
Mas que ladrões!

Comenta o zé-povinho
"Governo varonil!"
Coitado, coitadinho,
do Banco do Brasil,
quase faliu...

A classe proletária
na certa comeria,
com a verba gasta diária
em tal quinquilharia,
sem serventia...

Alguns bons idiotas
aplaudem a medida,
e o povo, sem comida,
escuta as tais lorotas
dos patriotas...

Porém há uma peninha
"De quem é o porta-avião?".
"É meu", diz a Marinha,
"É meu", diz a Aviação,
ah! Revolução...

Brasil, terra adorada,
comprou o porta-aviões,
Oitenta e dois bilhões,
Brasil, ó Pátria Amada.
Que palhaçada...

(Juca Chaves)

O "presidente bossa-nova" é Juscelino Kubitscheck, e a identificação tornou-se mais imediata após a série há alguns anos exibida pela TV Globo. Aliás, a própria designação *bossa-nova* remete a um gênero musical vigente no fim dos anos 50 e início da década de 60.

Já "Brasil já vai à guerra" remete à compra do primeiro porta-aviões da Armada, o 'Minas Gerais' (aliás, um elefante branco...), e a identificação só pode ser feita por aqueles que conhecem os fatos daquele período.

3. *Texto e contexto*

A cada fase da evolução da linguística textual corresponde uma noção diferente de texto e contexto.

Para as análises transfrásticas, o texto é uma série de enunciados ligados por nexos lógicos ou temporais (conjunções e advérbios). Nesses enunciados também existe a continuidade referencial, ou seja, os referentes (objetos do discurso) são retomados de forma sequencial.

Nas gramáticas textuais, o texto é gerado a partir de uma competência internalizada pelo usuário e constitui uma estrutura definida a partir de sua unidade interna.

Já na fase da linguística textual, o texto constitui uma unidade de sentido, formulada com propósitos interacionais e resultante de ações finalisticamente orientadas. De acordo com essa concepção, o texto é o próprio lugar da interação e é nele que se constroem os significados.

Acrescente-se que, nas duas primeiras concepções, o texto é unicamente um produto pronto e acabado, ao passo que a linguística textual enfatiza a dimensão procedimental do texto, sobretudo as estratégias utilizadas pelo produtor (na construção) e pelo leitor (na apreensão dos significados).

A evolução do sentido de texto (de uma série de enunciados concatenados ao próprio lugar da interação social e da construção do significado) foi acompanhada pela ampliação do conceito de contexto. Na fase das análises transfrásticas, o contexto era unicamente o contexto, a série que enunciados que seguem ou precedem um dado enunciado. A gramática do texto amplia essa noção, que passa a abranger a situação de enunciação. Na linguística textual, o contexto assume uma dimensão ainda mais ampla, pois passa a abranger o entorno sociocultural e histórico comum (ainda que parcialmente) aos membros de uma sociedade e armazenado individualmente sob a forma de modelos cognitivos.

Trata-se de um avanço considerável, que culmina por considerar o contexto como o próprio lugar da enunciação. Nesse sentido, o contexto não é um dado prévio, não é a situação, mas as formações ideológicas dentro das quais o texto se situa e a partir das quais flui o sentido do texto. O texto interage com o contexto, e só pode ser compreendido dentro dele e em relação a ele: texto e contexto devem ser considerados de forma coextensiva.

Essa nova visão é bem formulada pelo Prof. Carlos Franchi, que enfatiza que o texto não reproduz o mundo, mas o recria, e que os objetos do texto não são objetos do mundo. A citação do Prof. Carlos Franchi é aqui reproduzida, ainda que se corra o risco de ter uma citação por demais longa:

Procuremos distinguir aqui os dois aspectos que Malinowski inclui na noção de "contexto de situação"; falamos de "situação" para entender não um "lugar real", um espaço fisicamente delimitado ou "situação imediata" em que o discurso se efetiva. Entendemos por "situação" todo um jogo de fatores e relações que constituem condições de uso significativo da linguagem, ordenadas em relação ao sujeito (para não usar aqui o termo excessivamente restrito "falante"). Usando as expressões de um modo pouco crítico, uma expressão linguística se torna significativa (como correspondendo a modos de operar concretamente sobre a realidade ou por abstração) não somente por associar-se a "coisas" (objetos, relações, processos, sistemas), mas por servir-se de um "referencial" (de "coordenadas") em que essas correspondências se atualizam (o tempo, o lugar, as instâncias pessoais do discurso, a indicação demonstrativa dos objetos, a atitude do locutor frente a seu próprio discurso etc.). Constitui um aspecto fundamental da "situação" a maneira pela qual as opções do sujeito (pela atividade constitutiva da própria linguagem ao lado da percepção) organizam os "objetos" a que se referem, segundo traços, categorias e relações, em um "sistema de referências", de natureza essencialmente linguística (podemos dizer que o "sistema se referencia" é constituído pela linguagem e nada tem a ver com a existência real das entidades que na linguagem se delimitam e a que nos referimos).

Entre as condições da situação se incluem, portanto, os discursos (ou 'textos') anteriores, pois a produção de um deles induz uma transformação nas condições de produção de um outro que o segue (ou de que antecipa a produção). Reservemos o termo 'contexto' para os fatores e relações que determinam um discurso ou segmento de discurso nesse plano exclusivamente linguístico. O contexto é intermediário entre a situação e o sistema linguístico. Situação e contexto funcionam em uma espécie de compensação recíproca: ou a situação é imediatamente percebida e determinada, e o contexto se simplifica (até à interjeição, ou à palavra-objeto que se cola a uma caixa de mercadoria; ou as relações na situação não se percebem e se definem suficientemente, e o contexto torna-se complexo. O discurso não se libera da situação (se é que isso é possível de modo complexo), senão para sujeitar-se a um contexto cada vez mais rico e exigente, onde termos e expressões tomem os seus valores exclusivamente na cadeia contextual das definições. (FRANCHI, 1977, p. 34)

Ressalve-se que o Prof. Carlos Franchi denomina *contexto de situação* ao que chamamos *contexto*, e *contexto* ao *cotexto*.

Assim como ocorreu com os conceitos de texto e contexto, também houve uma evolução no sentido de sujeito da enunciação. Para as análises transfrásticas e a gramática do texto, o sujeito é unicamente aquele que identifica um sentido já dado e contido no contido. Essa identificação é

feita a partir das relações entre os enunciados e da estrutura subjacente ao texto. A linguística textual, por sua vez, enfatiza o papel ativo do sujeito: o sujeito não é apenas aquele que capta o sentido do texto, mas aquele que cria (ou recria) o sentido ao interagir com o texto e inserir o texto nas formações discursivas da sua cultura.

O sentido deixa de ser um dado prévio, mas é algo que se reconstrói com base nos elementos linguísticos (enunciados) e na própria organização do texto. Nessa reconstrução atuam, ademais, os saberes acumulados, tanto aqueles adquiridos de forma sistemática, com os que fluem da própria experiência.

Reitere-se o sentido do texto não é um dado prévio, nem um rótulo. É algo que se constrói de forma interativa. É o que fica claro no texto a seguir, que pode ter leituras diferenciadas por aqueles que viveram (ou não) o regime militar:

(5) APESAR DE VOCÊ

(Chico Buarque)

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão

Apesar de você, amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juros, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro
Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
De desinventar
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar

Apesar de você, amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa

Apesar de você, amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente

Apesar de você, amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etc. e tal.

4. *Processos de contextualização*

Os processos de contextualização são múltiplos e variados, e entre eles mencionam-se até alguns externos ao texto: nome do autor, publicação, seção (se periódico), natureza do texto. Todos esses dados funcionam como contextualizadores, pois permitem ao ouvinte/leitor avançar expectativas acerca daquilo que está a ouvir ou ler.

Os recursos internos são responsáveis por apresentarem o assunto e situarem no universo conceitual do ouvinte/leitor. Em outros termos, eles criam o espaço comum partilhado entre o produtor e o receptor.

Esses processos são múltiplos e variados, e aqui vamos examinar alguns deles. O primeiro é o título, que já enuncia o aquilo de que o trata e, assim, já permite ao leitor/ouvinte a acionar seus esquemas cognitivos.

(6) A equação que saiu da teoria

A mais famosa fórmula matemática do mundo é um produto da teoria da relatividade especial. Com $E = MC^2$, Einstein tornou equivalentes massa e energia, transformando até mesmo um grão de areia numa poderosa fonte de energia – desde que se saiba como liberar a energia presa em seus átomos, como os cientistas fazem com os átomos de urânio da bomba atômica. A equação também está na base do funcionamento do novo acelerador de partículas LHC. Depois de serem acelerados na máquina, prótons colidirão para que parte de sua energia se transforme nas partículas que os cientistas querem estudar. (*Veja*, 25/6/08, p. 137).

O título "A equação que saiu da teoria; associado à imagem de Einstein (que consta da revista) já permite identificar a teoria da relatividade e, dentro dela, a famosa equação. Essa identificação torna-se crucial, sobretudo em textuar referências.

A mesma identificação pode ser obtida de forma instigadora, como ocorre com os textos a seguir:

(7) Como se sabe a idade do universo?

Há várias formas de fazer esse cálculo. Uma delas é utilizar um índice numérico conhecido como constante de Hubbe, que relaciona a velocidade atual de expansão do universo com a distância entre as galáxias. A partir dessa relação é possível descobrir desde quando as galáxias estão se movimentando e, conseqüentemente, quando o universo nasceu. Outra forma é considerar a idade das galáxias como o limite mínimo para a idade do universo inteiro. Pode-se estabelecer esse tempo pela análise das características das estrelas. Cor, temperatura e massa variam de acordo com o estágio evolutivo em que o astro se encontra. Existem ainda cálculos de física nuclear, que rastreiam isótopos radioativos em meteoritos. É o equivalente ao carbono 14 usado para a datação de fósseis. (*Veja*, 25/6/08, p. 116)

(8) O que aconteceria se a Lua desaparecesse?

A gravidade da Terra e a da Lua se influenciam mutuamente. O sumiço repentino da Lua tornaria o movimento de rotação da Terra caótico como o de um pão em baixa velocidade. Seria catastrófico para a vida no planeta, com

alterações drásticas do clima. Períodos quentíssimos se alternariam, de forma aleatória, com fases de frio glacial. Os animais com mais chances de sobrevivência seriam os aquáticos, já que a temperatura da água varia mais lentamente. Embora um afastamento súbito da Lua seja improvável, sabe-se que ela está se distanciando da Terra à razão de alguns centímetros por ano. Por enquanto, não há motivo para pânico: bilhões de anos nos separam de um afastamento da Lua capaz de provocar alterações em nosso planeta. (*Veja*, 25/6/08, p. 116)

O título é relevante, porém a forma decisiva de contextualização é a explicitação do assunto: o autor desdobra o tópico, por meio do fornecimento de informações a ele relacionadas. Veja-se o exemplo a seguir, que trata da diversidade biológica do cerrado paulista. Ressalte-se, neste texto, o *bead*, o enunciado em realce abaixo do título da matéria.

(9) Os falcões do Cerrado

(Carlos Fioravanti)

Uma paisagem que parece um vasto pasto abandonado, com uma árvore aqui, outra ali, perseguida pelo sol ardente do interior paulista, emerge como uma notável reserva de aves a céu aberto. O Cerrado da Estação Ecológica de Itirapina, a 230 quilômetros da capital paulista, abriga 231 espécies de aves, entre elas delicados pássaros que cabem na palma da mão, a gralha-do-cerrado, 17 espécies de gavião e falcões e sete de corujas, predadores do topo da cadeia alimentar como se fossem lesões alados, e a ema, a maior ave brasileira, de até 1,80 metro de altura. Nos 23 quilômetros quadrados desse descampado – uma área equivalente a 1% do Distrito Federal, o coração do Cerrado brasileiro – vive uma em cada três espécies exclusivas do Cerrado, 27% do total de espécies encontradas nesse tipo de ambiente e 30% das registradas em todo o estado de São Paulo.

Nem os biólogos esperavam encontrar tamanha diversidade biológica em uma vegetação antes desvalorizada por representar as formas mais peladas do Cerrado paulista – o campo limpo, raro especialmente em São Paulo, coberto por um solo arenoso em que nada mais cresce a não ser insistentes plantas rasteiras, e o campo sujo, apenas com arbustos em meio ao tapete verde. Como explicar? José Carlos Motta Jr., professor da Universidade de São Paulo (USP), conta que justamente por se tratar de um espaço aberto é que nasce, cresce e se esconde por ali tamanha variedade de seres alados, muitos na lista de ameaçados de extinção no estado de São Paulo. Quem tiver mais paciência pode ver também alguma das 33 espécies migratórias já identificadas, a exemplo da rara águia-pescadora (*Pandion haliaetus*), que vem do sul dos Estados Unidos. Muitas outras podem nunca ser vistas se o próprio Cerrado desaparecer, como alertaram dois especialistas em aves, Edwin O'Neill Willis e Roberto Cavalcanti, há quase duas décadas. (Pesquisa FAPESP 145, março de 2005, p. 49)

No texto a seguir, a contextualização assume a forma de indicação das três causas do acontecimento.

(10) E quanto aos bandidos sem farda?

O Morro da Providência é a favela mais antiga do Rio de Janeiro e, também, uma das mais perigosas. No cotidiano de banditismo que se vive ali, o assassinato de três homens por traficantes do vizinho Morro da Mineira poderia ser apenas mais um capítulo no histórico de barbáries praticadas nas disputas territoriais de criminosos. Mas o crime revelou três desdobramentos espantosos. O primeiro: quem entregou os três foram integrantes do Exército, que estavam trabalhando na Providência havia seis meses, em um projeto de reforma de 782 casebres. O segundo: esse projeto, chamado Cimento Social, foi idealizado como propaganda política do senador Marcelo Crivella, candidato do Palácio do Planalto à prefeitura do Rio de Janeiro. O terceiro: os responsáveis fardados pela ofensa às leis do país e aos regulamentos militares foram identificados e, espera-se, serão devidamente punidos. Mas não houve nenhuma iniciativa para prender e levar à Justiça os assassinos de fato. Parecia que se dava o caso por encerrado com duas falácias, a culpabilização do Exército como um todo e do uso das Forças Armadas para a segurança interna.

(Marcelo Bortoloti, *Veja*, 25/6/08, p. 110)

5. *Observações finais*

A evolução da linguística textual evidencia a ampliação do sentido de texto e a *incorporação* na construção do sentido do texto, de dados de natureza sociocognitiva e histórica. Enfatiza-se que texto e realidade não se confundem, e que os objetos do texto não constituem objetos do mundo, mas que, ainda, texto e contexto representam conceitos coextensivos e complementares. Com efeito, não há barreiras entre texto e contexto e este, agora entendido como as formações ideológicas de uma cultura, revela-se essencial para a determinação dos sentidos de um texto. Como se disse anteriormente, o sentido de um texto não está apenas no próprio texto, mas flui do contexto.

O ser humano é sempre um ser histórico e socialmente situado, e os textos que ele produz também o são. Não existem, pois, textos desligados do contexto, e todos eles têm uma intenção nítida e resultam de ações finalisticamente orientadas. A construção do texto é um processo no qual assumem particular relevância os procedimentos de construção do contexto comum partilhado. Sem esse universo comum, aliás, não há interação, nem se criam significados.